

Resenha

Heloísa Buarque de Holanda. *Impressões de viagem; CPC, vanguarda e desbunde: 1960-1970. Rio de Janeiro: Rocco, 1980.*

Texto adaptado da tese de doutoramento da autora, defendida na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1978, com o objetivo de “examinar alguns momentos em que a literatura participa de maneira direta dos debates que se desenvolvem a partir da década de 60, mobilizados pelas propostas revolucionárias da produção cepecista ou de seu suposto adversário, o experimentalismo de vanguarda” (p. 9). Para tanto, aborda, no capítulo 1 – A participação engajada no calor dos anos 60, no capítulo 2 – O susto tropicalista na virada da década, e no 3 – O espanto com a biotônica vitalidade dos anos 70. O livro incorpora 16 anexos, sendo o primeiro deles o *Anteprojeto de Manifesto do Centro Popular de Cultura da UNE*, redigido em março de 1962.

O capítulo 1 desdobra-se em duas seções; o “engajamento cepecista” e o “engajamento experimentalista”. Para o entendimento da cultura e da educação popular no início dos anos de 1960, esse primeiro capítulo é particularmente importante, em especial sua primeira seção. Nela a autora sintetiza a proposta de cultura do CPC, em termos de “arte popular” e “arte popular revolucionária” e da posição expressamente assumida: “Os membros do CPC optaram *por ser povo, por ser parte integrante do povo, destacamentos de seu exército no front cultural*”(p. 18, grifado no original). Discute o caráter “paternalista” dessa opção e indica o escamoteamento das diferenças de classe. Mais profundamente, com base em Theodor Adorno (Sartre e Brecht, engajamento na literatura. *Cadernos de Opinião*, 1975, n. 2), afirma que a doutrina defendida pelo CPC exige a linguagem do intelectual e não pode ser resolvida, como afirmado no *Manifesto*, por um “laborioso esforço de adestramento à sintaxe das massas”. Exemplifica essa contradição com vários poemas do *Violão de Rua*, da série *Cadernos do Povo*, editada pela Civilização Brasileira no início dos anos de 1960. Segundo a autora, essa colocação retoma o antigo problema das relações entre o engajamento e a qualidade literária, à luz de Walter Benjamin (especialmente *Poesie et révolution*. Paris: Denoël, 1971): “o engajamento de uma obra só pode ser politicamente correto se a obra for literariamente correta” (p.27). Com o mesmo autor, afirma ainda que é “a função da obra dentro das relações literárias de produção em determinado momento histórico” – ou seja, é o “conceito de técnica literária que possibilita a análise dos produtos literários em seus contextos, permitindo dizer, por meio deles, a função política dessa produção. E conclui “que a poesia populista não desempenhava, apesar de seu propósito explicitamente engajada, função revolucionária.” (idem)

Esse problema está presente no CPC desde sua origem. Não só é colocado por Ferreira Gullar em *A cultura popular posta em questão* (1962), como alimenta divergências entre o pessoal que se dedica à produção cinematográfica. Em sua análise, a autora destaca inclusive o papel dos poemas de Ferreira Gullar (*João da Boa Morte* e *Quem matou Aparecida*, ambas de 1962), nos quais “o sentido da vida é identificado diretamente com a participação engajada e com a militância política” (p. 49). Indica ainda que, posteriormente, *Dentro da noite veloz* (1975) e especialmente *Poema sujo* (1976) são bons exemplos da superação da fase “populista” do autor. Em seguida, mostra que, perdendo o contato com o “povo”, em decorrência do golpe militar de 1964, a produção poética sai de cena, desviando-se para o teatro, a música e o cinema. É a fase do Teatro Opinião e do Cinema Novo e, simultaneamente, o nascimento da chamada “esquerda festiva”, ambiguidade que “traduz a própria novidade dessa geração que irá marcar o período: a

festa é a marca de uma crítica ao tom grave e nobre da prática e do discurso político que caracterizava e definia a ação cultural da geração anterior” (p. 33).

Mas a autora afirma: “É importante lembrar, contudo, que a função desempenhada pela “arte popular revolucionária” correspondeu a uma demanda colocada pela efervescência político-cultural da época. Apesar de seu fracasso enquanto palavra política e poética, conseguiu, no contexto, um alto nível de mobilização das camadas mais jovens de artistas e intelectuais, a ponto de seus efeitos poderem ser sentidos até hoje” (p. 28). “A consciência e a elaboração desse percurso só virão a ter lugar algum tempo após o golpe, no processo de articulação dos movimentos de massa que culmina com as manifestações estudantis de 68. O discurso nacionalista e populista que fundamentava a ação política e cultural da esquerda no pré-golpe passará a ser discutido e a sofrer reformulações, definindo novas táticas de atuação” (p. 29).

Por outro lado, o início dos anos de 1960 é também marcado pelo “engajamento experimentalista” derivado do movimento concretista dos anos de 1950. Diz a autora: “Ainda que guardando sérias diferenças em relação à orientação cepecista, ambos atualizam e participam de um mesmo debate: há também nas vanguardas a crença nos aspectos revolucionários da palavra poética, a integração aos debates a respeito de projetos de tomada do sistema e a militância política de seus participantes...” (p. 30).

Os demais capítulos, sobre o tropicalismo a virada dos anos de 1960 e a vitalidade dos anos de 1970, embora importantes para entender-se o processo cultural do período até os dias atuais, extrapolam a proposta de registro e análise das concepções e das práticas da cultura e da educação popular do início dos anos de 1960.